

b) — Da expedição tauro-cita, dirigida por P. N. Schulz e que trabalhou dividida em três secções: a mais importante, orientada por A. N. Karaseff, explorou a Neapolis cita: a 2.ª, sob E. B. Weimarn, tratou do setor montanhoso de Bachtschi-Sarai; a terceira trabalhou na região de Bjelogorsk.

c) — Da expedição de Kertsch, realizada em 1945/46 sob a chefia de W. D. Blawatskij.

d) — Da expedição do Bósforo, que, sob a direção de W. F. Gaiduke-witsch, escavou as ruínas da cidade de Tiritaka, a parte central da cidade de Mirmekij e as ruínas que se encontram nas imediações da aldeia de Iwanovka, que, possivelmente, representam os restos da cidade de Ilurat, mencionada por Ptolemeu.

e) — Da secção de Leningrado da expedição arqueológica de Olbia, dirigida por T. N. Knipowitsch.

f) — Da expedição norte-caucásica, chefiada por E. I. Krupnoff.

g) — Das excavações realizadas por B. B. Piotrkowski no palácio de Karmirblure.

h) — Da expedição corésmica de S. P. Telstoffs, que explorou o palácio de Toprak-Kala.

i) — Da expedição sógdio-tadschikiana, orientada por A. J. Jakubowskij.

3 — Herbert Nesselhauf, "Die neue Germanicus-Inschrift von Magliano" (págs. 105-115). Trata o A. da inscrição que se encontra no fragmento de uma placa de bronze descoberta em junho de 1947 na pequena cidade de Magliano, contendo a transcrição de uma lei adotada pela assembléa do povo que teve lugar em Roma à chegada da notícia da morte de Germanicus.

A terceira parte de HISTORIA, dedicada à resenha e crítica bibliográfica, é consagrada às seguintes obras: Michael Rostovtzeff, "The social and Economic History of the Hellenistic World"; Ronald Syme, "The Roman revolution"; Oscar Paret, "Das neue Bild der Vorgeschichte". Tais trabalhos foram entregues, respectivamente, para resenha e crítica, aos Profs. Joseph Vogt, de Tübingen, Wilhelm Ensslin, de Würzburg e S. J. L. de Laet, de Gand.

Na quarta parte, consagrada à sùmula de revistas, são resumidos os seguintes periódicos: Würzburger Jahrbücher für die Altertumswissenschaft, 2. Jahrgang, 1947, Hefte 1 und 2 e 3. Jahrgang, 1948, Heft 1; Philologus, 97. Jahrgang, 1948, Hefte 1/2, 3, 4; American Journal of Archeology, 1948, Nrs. 1 (consagrado exclusivamente à questão homérica e a problemas arqueológicos a ela ligados), 2 e 3; Glotta, 31. Jahrgang, 1948, Heft 1/2; Ancient India, Bulletin of the Archaeological Survey of India, Nrs. 1, January 1946, 2, July 1946, 3, January 1947, 4, July 1947-January 1948; Revue des Études Latines; 1947.

Por fim, a quinta parte, que encerra a revista, nos dá uma notícia referente ao andamento da publicação de novos volumes da *Realenzyklopädie der klassischen Altertumswissenschaft*, de Pauly-Wissowa-Kroll, a partir do ano de 1939.

PEDRO MOACYR CAMPOS

LAVIOSA ZAMBOTTI (P.) — *Les origines et la diffusion de la civilisation.*
Original italiano 1947. Trad. francesa de Guillard (J.). 1949. Edição Payot, Paris, 1949. — 460 pp., 7 pl. 1 mapa.

Trata-se de um magnífico trabalho em que a autora expõe suas idéias sobre a origem e difusão da cultura universal. Divide a obra em 2 partes.

Na primeira estabelece os princípios gerais que regem a coconcentração e a difusão da cultura.

Na segunda, descreve as diversas etapas de civilização por que passou a humanidade, das formas pré-históricas às atuais. Nesta tentativa de reconstituição da história universal, põe em prática todo o mecanismo de sua teoria difusionista exposta na primeira parte do trabalho.

Filiando-se à escola histórico-cultural, apresenta uma posição nova dentro dos velhos moldes da escola de Gräebner, Schmidt e Koppers.

Para os partidários da teoria dos ciclos culturais, o evolucionismo e a doutrina da convergência representam uma nota discordante. Aceitar a analogia de culturas em função de um progresso uniformemente distribuído no tempo e no espaço; ou em virtude de reações idênticas à ação de um meio análogo, é ir contra os princípios da concepção histórica e genealógica das culturas.

Para a autora, entretanto, se não aceita "in totum" os fundamentos dessas teorias, não nega a passagem do mais simples para o mais complexo ou a possibilidade de explicar pela convergência o paralelismo de muitos elementos culturais.

Outra crítica à escola dos ciclos culturais é o fato desta prender-se à observação exclusiva do mundo etnográfico, "que não constitui, nem um mundo em crescimento, nem um mundo em apogeu, mas antes, sob vários pontos de vista, um mundo em vias de dissolução" (pág. 26).

De orientação nitidamente monogenista, a Sra. Laviosa Zambotti vai analisar a região do globo que por suas características ambientais poderia ter servido de berço à cultura humana, como esta teria se difundido e diferenciado pelo globo originando tão grande variedade de complexos culturais. Para ela, as estepes da Ásia Central deveriam ter apresentado nos primeiros tempos da humanidade as condições características necessárias à passagem do primata para sua nova condição de bipede.

Da mesma maneira, somente condições especiais poderiam determinar um ambiente "óptimo" em território específico, capaz de fazer surgir o primeiro centro cultural da humanidade. Este parece ser localizado, segundo as últimas descobertas arqueológicas da Palestina, na Ásia de SO.

A tese fundamental da autora é a admissão de centros criadores e motores primários, a partir dos quais, difundindo-se a cultura, surgem centros derivados com características próprias. Esses centros secundários, derivados dos primários, podem funcionar como centros motores, dando origem, na sua expansão, a centros terciários.

Assim, o processo se repete indefinidamente e as renovações culturais são explicadas ora pela reação interna, reação do substrato, ora pelo encontro de outras correntes culturais provindas de centros vizinhos, ora pela capacidade inventiva dos indivíduos.

Entretanto, esses centros motores primários, diretores do movimento cultural ecumênico não foram numerosos.

A autora distingue, dentro da História Universal, 4 centros motores primários:

- 1) o dos neandertalenses do Paleolítico-Médio, localizado no Oriente Próximo;
- 2) o dos caçadores franco-cantábricos sedentários do Paleolítico Superior, localizado na Europa de SO;
- 3) o dos agricultores sedentários do Próximo Oriente;
- 4) o dos autores da civilização técnica moderna da Europa Ocidental.

A formação desses centros motores, está condicionada pelo meio físico, que determina sua atividade econômica e favorece a maior ou menor riqueza

de técnicas. Tanto maior é a influência do ambiente geográfico na cultura quanto mais antigo for o ciclo que ela representa.

O papel decisivo que o meio geográfico pode ter na aparição, na limitação e até mesmo na neutralização pura e simples dum tipo de cultura é amplamente analisado pela autora.

O homem paleolítico, numa paisagem de tundra e estepes, tem como atividade fundamental a caça. Seguindo as pégadas das manadas selvagens o homem caçador se desloca de uma área para a outra, num nomadismo milenar. Logo que as necessidades se aplacam ou se fazem menos imperiosas o nômade se aclimata, se sedentarisa. Essa transformação é, mais uma vez, motivada pelas modificações do ambiente geográfico. Surge a civilização franco-cantábrica cujo apogeu vai ser limitado pelas condições climáticas. O recuo das geleiras bálticas obriga a migração da fauna, atrás da qual vai o homem. Mas, aonde as condições do meio favorecem a continuidade ou o retorno de vitalidade, a civilização dos caçadores paleolíticos continua o seu curso.

É de 30 a 35.000 anos o período de gestação da civilização agrícola e de 6.000 o da civilização técnica moderna.

Sem dúvida, ainda aqui o meio geográfico exerce papel relevante. Só um clima, uma rede hidrográfica abundante, e em áreas limitadas, como as do Eufrates e do Nilo, poderiam concentrar grupos étnicos, favorecendo os contactos culturais tão necessários para o aparecimento da agricultura, e progresso técnico.

Em toda a teoria, da Sra. Laviosa Zambotti, vemos a preocupação de descrever e explicar, através de um complexo mecanismo de difusão, o aparecimento das capas culturais, desde as pré-históricas até as atuais, inclusive as chamadas etnográficas.

É a tentativa brilhante para por em evidência não só o processo de difusão como o dinamismo intrínseco de uma cultura cujo património está sempre sujeito a renovações e inovações. Sem dúvida há pontos discutíveis.

Na reconstituição das civilizações pré-históricas, excluída a reconstituição da cultura material, baseada em vestígios arqueológicos, o quadro social e animológico é puramente hipotético.

A solução apresentada ao problema das diversas áreas culturais americanas, explicando as civilizações superiores Azteca, Maia e Inca como resultantes da migração de povos polinésios, não satisfaz plenamente.

Entretanto, não se pode negar à Sra. Laviosa Zambotti a engenhosidade de sua teoria, e o valor de sua obra, ricamente documentada.

MARIA DE LOURDES JOYCE

LINDNER (Kurt). — *Le chasse préhistorique* (Paléolithique-Mésolithique — Néolithique — Age des Métaux) — Payot, Paris, 1950, 480 pp. 143 figuras e 24 pr. fora do texto.

Esta obra, verdadeiro tratado no assunto, constitui uma análise brilhante da arte cinegética desde os albores do chamado Paleolítico antigo até o período do Ferro. Baseando-se em farta bibliografia, o autor, em páginas eruditas, mostra quão admiráveis são os dados pré-históricos e quanto de interesse eles representam para o historiador, para o etnólogo e para o sociólogo. A este propósito escreve: "Il est regrettable qu'aujourd'hui encore l'histoire culturelle contemporaine accorde si peu d'attention aux données prodigieuses de la pré-histoire. Cette négligence mérite le blâme le plus exprès, parce que tenter de